

Deus e os Deuses

O uso da mitologia cristã e pagã n' *Os Lusíadas* de Luís Camões

Robert Sarwark
POBS 2600A: Medieval and Renaissance Portuguese Literature
Professora Leonor Simas-Almeida
Brown University
21 de Dezembro de 2012

Introdução

Como é o caso de qualquer obra literária do mundo, é da maior importância tomarmos sempre em conta todos os elementos que contribuíam ao contexto em que era escrita.

Portanto, o Shakespeare escrevia durante uma época bastante turbulenta da história política e religiosa da Inglaterra, e também no limiar dos grandes conquistas ultramarinas da mesma nação. Claro que, paralelamente, o Camões é tão célebre ainda hoje, não por ser apenas bom poeta, mas também pelo facto que os descobrimentos e conquistas dos portugueses durante os séculos XV e XVI realmente mudaram a trajectória do mundo. O Camões representa esta época porque captou o *zeitgeist* da era, a era em que surgiu não só o colonialismo mercantil português, mas também um estilo literário inovador e renascentista. É neste meio que Camões conseguiu soldar as tradições cristãs às da antiguidade mas também com um novo elemento: o do emergente luso-ufanismo.

Como salienta Armando Castro (1980), “Interessa-nos a sua expressão insuperável de sentimentos, aspirações, frustrações e contradições, do amor e do ódio, da capacidade de sacrifício e do egoísmo dos homens a que assistiu, das condições sociais em que viveu e se vivia na sua época...” (14). É com este interesse que vou tentar debruçar a complexidade que também os papéis da mitologia – ora cristã, ora pagã, ora luso-ufanista – jogam n’*Os Lusíadas*, e as implicações do momento histórico que tais referências apresentam.

I.

Uma breve sinopse da obra épica camoniana como exemplo da nova tradição renascentista

A época dos grandes descobrimentos orientais dos portugueses começou com a chegada de Vasco da Gama na Índia em 1498. E é a partir deste ano que vê-se também a confluência de factores que contribuíam ao estilo e a estrutura d' *Os Lusíadas*, publicado 74 anos depois desse ano. Castro (1980) oferece uma ampla perspectiva do contexto histórico:

Efectivamente não se pode subestimar o significado fundamental que a obra de arte apresenta como tipo particular de conhecimento humano da realidade. Sob este ponto de vista também a poesia de Luís de Camões é o produto complexamente elaborado dum riquíssima experiência vivida tanto em Portugal como ao contacto da realidade extra-europeia que conheceu primeiro em Ceuta e depois no seu longo viajar de Lisboa até à Índia e ao Extremo Oriente, passando pela África, onde se sabe que se deteve algum tempo pelo menos na viagem de regresso, visto ter estado em Moçambique. (27)

Portanto, dadas todas as aventuras e viagens longas, desafiantes e até violentas do Camões, é claro que na sua própria pessoa podemos ver uma vasta gama de experiências que lhe permitiam a perspectiva para escrever tal obra como *Os Lusíadas*. Efectivamente, ele seguiu o caminho do herói dele e de Portugal em geral, Vasco da Gama, a personagem principal do seu Poema. Ainda mais importante, estas aventuras deram ao Camões a própria licença de entender a natureza e a política do império português ultramarino enquanto o mesmo ainda se formava e lutava pelo domínio de não são as

terras já conquistadas, mas também as futuras conquistas, particularmente no Extremo Oriente.

Como a chegada do Vasco da Gama na Índia representa o arranque da globalização e o multi-culturalismo que existe até os nossos tempos, a história encapsulada na poesia épica d'*Os Lusíadas* não é apenas a história do Vasco da Gama e seus tripulantes durante sua viagem para a Índia, mas também a dos portugueses à sua entrada no mundo como inovadores marítimos, mercantis e colonialistas. Aliás, este evento célebre – o “descobrimento” da rota marítima e a abertura mercantil da Índia ao Ocidente – representa também a grande derrota dos desafios e constrangimentos da Europa ocidental cristão em geral, com estes problemas manifestados anteriormente na forma dos turcos otomanos, que impediam a rota terrestre à Índia, a terra que abrangia uma enorme fonte da especiaria e outros produtos não-europeus tão desejados daquela época.

Vale a pena neste ponto fazer também uma pequena análise das influências literárias no jovem Camões. Ramos (em Camões, 1980), explica a formação do futuro poeta assim: “Cedo, certamente, porém, teria ido para Coimbra, onde, com maior ou menor influência de leituras de outros grandes poetas – Petrarca e petrarquistas em lugar de revelo...” (23). A influência da obra do Petrarca (1304-1374), humanista italiano, apresenta-se principalmente na obra do Camões na medida em que foram integrados nos textos dos dois poetas a mitologia e o humanismo da tradição greco-latina. Mas também as estruturas poéticas dos dois seguem um formato estabelecido pelos poetas mais célebres dessa mesma tradição, os romanos Cícero e Virgílio. Portanto, Camões é visto

como bom representante do Renascimento tardio. Esta transição do feudalismo da época medieval para o capitalismo da época moderna, em que ainda nos encontramos, representa-se tão fortemente na pessoa de Camões particularmente porque ele pessoalmente viveu essa transição, como temos visto, tanto em Portugal como no ultramar. E assim Camões conseguiu fundir as influências clássicas com as nacionalistas para construir o Épico d' *Os Lusíadas* como obra particularmente inovadora da Renascença.

O meio ambiente contemporâneo do Camões era bastante significativo para a formação e o desenvolvimento do mesmo, particularmente nas pessoas de Damião de Góis e Gil Vicente (da geração anterior) (Castro: 39). Mas em geral, como humanista, classicista e principalmente renascentista, foram os grandes escritores romanos acima mencionados que influenciaram mais o jovem Camões, como se vê nesta estrofe do

Canto I d' *Os Lusíadas*:

33 Sustentava contra ele Vénus bela,
 Afeiçoada à gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nela
 Da antiga, tão amada sua, Romana;
 Nos fortes corações, na grande estrela,
 Que mostraram na terra Tingitana,
 E na língua, na qual, quando imagina
 Com pouca corrupção crê que é a Latina. (79)

Portanto, como vamos ver mais em destaque neste ensaio, *Os Lusíadas* são uma visão do Camões em que o povo português representou a continuação da glória da Roma, cumprindo os objectivos e desejos da mesma, mas também ultrapassando barreiras terrestres e marítimas nunca imaginadas possíveis na antiguidade. É com este reconhecimento da ligação forte entre Portugal renascentista e a antiguidade que se

provoca a nossa leitura da obra épica camoniana como uma representação mítico-histórica dos feitos do Vasco da Gama e seus companheiros dos anos finais do século XV.

II.

A linguagem d’*Os Lusíadas*

Destaca-se muitíssimo a linguagem utilizada na obra camoniana em geral, mas particularmente n’*Os Lusíadas* pelo facto que o conteúdo representa matéria intrinsecamente referencial à antiguidade e, aliás, as línguas latinas e gregas. Mesmo assim, a escolha de integrar o vulgar (a língua portuguesa de então) com um leque de invenções linguísticas fortalece nosso entendimento deste épico como perfeita fusão entre o passado e o presente. Saraiva explica, “Há numerosas palavras que eram raras ou nem sequer existiam. As palavras novas são directamente decalcadas do latim...” (29). Este método, então, é representado numa “tendência a fugir à vulgaridade” (30), e o poeta também “procura evitar a sequência rígida das línguas românicas, imitando a liberdade da colocação que os diferentes casos...permitiam em latim (31). Esta fuga da modernidade sempre presente nas obras literárias da época renascentista, mas com respeito a eventos quase contemporâneos da altura, como os feitos do Gama no caso d’*Os Lusíadas*, é boa amostra da duplicidade presente na obra camoniana; é um formato antigo utilizado para fornecer mais eloquência e assim se constrói uma epopeia renascentista, mas também um épico cristão e conquistador.

A própria estrutura das estrofes é, duma maneira, bem constante e segue o padrão ABABABAB. O Canto X (o canto final) é o mais longo de todos, com 156 estrofes, sendo o mais curto o Canto VII, com apenas 87 estrofes. É dentro desta estrutura simples e bastante rígida que vemos particularmente a influência da obra poética greco-latina. Seja como for, diz Saraiva, “Um velho preconceito tornou *Os Lusíadas* apanágio dos eruditos e das escolas; mas há no Poema uma oralidade viva, um sabor da palavra gostosa que é própria dos bardos, dos aedos, dos jograis, dos Antónios Aleixos que nos restam. É um livro para ser entoado por recitadores, e não analisado por gramáticos” (36). Aqui temos um bom exemplo desta liberdade constringida e ativa:

Canto VIII, 29 Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só, pode o que impossibil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita? (274)

O tom é bastante oral, como Saraiva nota, e de facto faz parte duma conversa que o Camões pretende fazer com o leitor, quem é presumivelmente também português. Assim, o Poema é uma afirmação dos sucessos do Gama através de linguagem culta mas também acessível à classe popular.

III.

A religião e a mitologia: Deus e os deuses

Desde nossa perspectiva moderna, fica às vezes muito difícil de distinguir entre a religião, a mitologia e a espiritualidade, particularmente numa obra como *Os Lusíadas*, em que estão sempre presentes exemplos dos três conceitos. Digamos neste ponto que o Poema é uma obra cristã, com elementos pagãos e um espírito luso-ufanista e, então, serve duma auto-justificação das conquistas dos portugueses. Saraiva explica bem como os primeiros dois sistemas – o cristão e o pagão – interagem:

A nossa interpretação tem também um pressuposto: é o que os verdadeiros deuses objectivos, n’*Os Lusíadas*, são os deuses da fábula e que Deus (cristão) é um deus subjectivo, ilusório dentro da máquina do Poema, um deus relativo ao Autor, nos seus apartes, e aos actantes cristãos, mas não deus para dentro do Poema e da sua acção. Camões, autor-personagem, é cristão. Vasco da Gama e os Portugueses são cristãos, mas o Poema é construído como se os deuses fossem objectivos, independentes da subjectividade do Poeta e dos heróis. (41)

Assim temos a chave da nossa resposta à pergunta “Eram meio pagãos o Camões e os portugueses da altura?” Mesmo que a resposta simples seja “não”, precisamos ainda de qualificá-la com uma ampla menção da interacção entre a religião dogmática cristã e a tradição politeísta greco-romana (pagã).

Saraiva continua a explicar: “Só nos cantos III, IV, V e VII há referências relativamente frequentes a Deus, porque nesses cantos quem fala é Vasco da Gama, contando a história de Portugal e a sua própria viagem...” (43). Portanto, como agora temos um exemplo dum claro nexos entre o cristianismo e o luso-ufanismo, vamos discutir mais em destaque esses quatro cantos, começando por uma estrofe do III:

69 Mas o alto Deus, que pera longe guarda
 O castigo daquele que o merece,
 Ou pera que se emende, às vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece,
 Se até qui sempre o forte Rei resguarda

Dos perigos a que ele se oferece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa, (146)

IV 88 A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co a virtuosa comanhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando. (187)

VII 3 Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que fraco poder vosso não pesais;
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade! (245)

Vemos no primeiro exemplo a pressão do dogma cristão, sob e perante a qual ambos Camões e Gama se encontram no âmbito da aventura para a Índia. É, ao mesmo tempo, uma expectativa e uma lembrete, tanto para os leitores como para todas as personagens d’*Os Lusíadas*; em outras palavras, como se Camões dissesse, “Nunca esqueçam que estes feitos tem o patrocínio da Igreja Católica e, portanto, se fossem justos nas suas acções os Portugueses, contam então com a bênção de Deus também.” Na segunda estrofe, do Canto IV, este nacionalismo luso-católico apresenta-se ainda mais em destaque. No último exemplo, temos o que pode ser efectivamente interpretado como o *modus operandi* do Camões: uma celebração do facto que mesmo que fossem poucos, os Portugueses conseguiram fazer o impossível, e talvez conseguiram exactamente porque

fossem tão poucos, porque faziam “muito....na santa Cristandade”. O descobrimento da Índia, portanto, é o último prémio de Deus pela piedade do povo português.

Precisamos, porém, de discutir ainda mais a presença dos deuses pagãos n’*Os Lusíadas*. Esta duplicidade apresenta, como já temos visto, um sentido meio esquizofrênico para o leitor não iniciado no Culto do Camões. Mas estes dois fenómenos realmente coexistem e convivem em paz relativa. Quem ou o que são os deuses, deusas e ninfas pré-cristãos para o Camões?

Para Soares (2007), “Quando por toda a Europa Ocidental se alastrava o culto da Antiguidade Clássica, os Portugueses abriam a questão dos antigos e dos modernos, defendendo a superioridade destes últimos, pela certeza do saber experimental” (80). E ela continua, “Na verdade, considerava-se que a heroicidade dos nossos descobridores superava a dos romanos e gregos” (81). Portanto, temos aqui várias atitudes que contribuem para a obra camonianiana, inclusive a mistura do Antigo com o Moderno, a pagão com o cristão, o humanismo com o capitalismo. Mas são sempre os segundos de todos os pares que valem mais. O mais interessante é a maneira em que Camões consegue mostrar respeito pelo passado enquanto recusa-se de ser preso por ele.

Os deuses – Júpiter, Vénus, Neptuno, etc. – são os elementos e aspectos efémeros do planeta, que sempre existiam desde a criação do mesmo. E por isso que eram reconhecidos pelos antigos gregos e romanos (os avós e pais culturais dos portugueses) como tal. Em outras palavras, se Camões quisesse reconhecer a sabedoria da antiguidade, teria que reconhecer também seus deuses, suas crenças mais viscerais. Mesmo assim, a proeminência de Deus (cristão), Cristo (a figura histórica e ideológica) e a Cristandade

em geral são sempre reconhecidos como o “subjectivo”, nas palavras de Saraiva. O sujeito – mesmo que seja na pessoa de Camões ou Vasco da Gama – reconhece o poder supremo de Deus sobre qualquer *objecto*, mesmo que seja isso um deus, deusa ou ninfa.

Conclusão

Em suma, temos aqui abordado umas questões imperativas à nossa leitura d’*Os Lusíadas*, assim contextualizando esta obra como representação da época em que foi escrita. As influências do Autor são muitas, obviamente, e não podemos deixar para fora todas as experiências vividas por ele, dado que incluídos nelas são momentos realmente dramáticos também, e não só ideias abstractas. Este Camões Aventureiro faz grande parte da figura que apontamos como o Grande Bardo Português, mas o Camões Erudito faz parte igual. Como acrescenta a Soares,

A epopeia é levada a cabo por Camões, após múltiplos incitamentos e tentativas de realização infrutíferas por parte de alguns literatos. Subjaz ao apelo de realização da epopeia engrandecedora dos Descobrimentos a consciência da importância de Portugal como nação imperial. **Na verdade, considerava-se que a heroicidade dos nossos descobridores superava a dos romanos e dos gregos.** (81).

Eu incluo a frase em negrito mais uma vez neste ensaio não por acidente: Precisamos de sempre manter em conta o facto que no contexto d’*Os Lusíadas* estamos a falar não só duma celebração da criação dum novo império, mas um império que pretende ultrapassar o império reconhecido como o mais poderoso do mundo até então. Com a nova tecnologia marítima, o mercantilismo capitalismo, a ideologia do colonialismo como maneira de espalhar a civilização ocidental, o zelo cristão, a erudição do Renascimento e

o ufanismo do pequena mais convencida nação de Portugal, Vasco da Gama mudou o mundo. Cabia apenas o Camões reconhecer este homem com suas palavras na forma de dez cantos, para todo o mundo e toda a história reconhecerem também a glória desta realização histórica.

Bibliografia

Camões, Luís de., Leonard Bacon (Ed., Trans.) (1980 [1950]). *The Lusíads of Luiz de Camões*. New York: The Hispanic Society of America.

Camões, Luís de (1980). *Lírica completa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa de Moeda.

Camões, Luís de (1983). *Os Lusíadas*. Porto, Coimbra e Lisboa: Porto Editora, Liv. Arnado e E.L. Fluminense.

Castro, Armando (1980). *Camões e a sociedade do seu tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.

Macedo, Hélder (1980). *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Moraes Editores.

Saraiva, António José (1995). *Estudos sobre a arte d'Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva.

Soares, Maria Luísa de Castro (2007). *Profetismo e espiritualidade de Camões a Pascoaes*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.